

“JORNAL DE PIRACICABA”, Piracicaba/SP, 21/12/1995, pág. 19

Animais de companhia: epilepsia e convulsão

Antonio de Oliveira Lobão

Considerando-se o número elevado de animais que apresentam problemas relacionados com epilepsia e convulsão, resolvi escrever sobre o assunto a fim de trazer aos seus proprietários alguns esclarecimentos importantes no controle e tratamento dos animais que apresentam tais distúrbios. Para orientação, fomos buscar os conceitos emitidos por duas especialistas no assunto: Dras. Cheryl L. Chrsmann, da Universidade da Flórida, Gainesville, Estados Unidos (Problems in small animal neurology) e Joane Parent, da Universidade de Guelph, Ontário, Canadá (Clinical Management of Canine Seizures).

Os termos epilepsia e convulsão são utilizados por grande número de autores como sinônimos mas, na realidade, epilepsia é um distúrbio de convulsões repetidas, com alterações estruturais ou funcionais intracranianas. Ela é classificada como: verdadeira (hereditária) e adquirida. A epilepsia verdadeira só pode ser comprovada por estudos da linhagem do animal (árvore genealógica) ou por experimentos de reprodução. A epilepsia adquirida é consequência de uma agressão prévia: inflamação, traumatismo, intoxicação ou distúrbio metabólico e sua comprovação é feita através de exames clínicos completos e exames de laboratório. O termo epilepsia idiopática é restrito aos casos em que a epilepsia é resultado de um distúrbio funcional no cérebro. Na epilepsia, sempre ocorre convulsão e nem toda convulsão é sinal de epilepsia.

Convulsão é um estado em que os músculos da cabeça, pescoço e membros apresentam, espontaneamente, fortes contrações, transitórias e incontroláveis. Ela apresenta-se em quatro fases: pródromo, aura,

convulsão propriamente dita e pós-convulsão. O pródomo pode durar horas ou mesmo dias. Nesta fase, o animal fica agitado, sem descanso e inseguro. A aura é o início verdadeiro da convulsão. Geralmente, o animal percebe que irá convulsionar e, ansioso, procura se esconder ou ficar próximo do proprietário. Às vezes, ele chega a acordá-lo, se este estiver dormindo. Estas duas fases, acima descritas, podem passar despercebidas pelo proprietário, principalmente, se o animal não fica constantemente ao seu lado, mas, na maioria dos casos, ele sabe que seu animal vai convulsionar. A convulsão propriamente dita será descrita mais abaixo. Na fase pós-convulsão, o animal se recupera e pode se apresentar de várias maneiras: triste, cansado, irritado, colérico. Muito ativo, desorientado, trêmulo, cambaleante, sonolento, sedento ou faminto. Esta fase pode durar de minutos a dias.

Em humanos, a classificação das convulsões obedece o estabelecido pela Comissão de Classificação e Terminologia da ILAE (Liga Internacional Contra a Epilepsia), Estados Unidos. As convulsões são classificadas em: 1) Generalizadas (leves e graves), 2) Parciais e 3) Parciais com generalização secundária.

A convulsão generalizada leve tem início com as contrações dos membros, pescoço e cabeça. O animal pode babar e até vomitar, fica ansioso, mas consciente. A duração do distúrbio varia de um minuto até uma hora. Quando esta convulsão é rápida e bem leve, o proprietário pode não percebê-la e achar que seu animal teve, simplesmente, um momento de confusão mental.

A convulsão generalizada grave, também chamada de "grande mal", pode ocorrer repentinamente. O animal cai inconsciente e seu corpo fica endurecido. Os olhos ficam arregalados, as pupilas dilatadas e a língua arroxeadada. O animal baba excessivamente e pode chorar, defecar ou urinar. A duração deste tipo de convulsão é de aproximadamente cinco minutos.

A convulsão parcial pode não ter as duas fases anteriores (pródromo e aura), sua duração e período de recuperação são muito variáveis. As suas características também são variáveis. Os especialistas citam como convulsão parcial, as seguintes atitudes: correr histericamente de um lado para outro (sem objetivo), mastigar e engolir, repetidamente, (como se estivesse comendo ou bebendo), estalar a boca (como se estivesse chupando balas), gritar, dar sacudidelas de cabeça (como se estivesse espantando insetos ou com dor de ouvidos), movimentar involuntariamente os olhos (de um lado para o outro), contorcer a face, acessos de vômito e diarreia (sem doença), medo intenso (de coisas imaginárias), caçar moscas (que não existem no ambiente), contemplar estrelas (olhar fixamente para um ponto qualquer, como se estivesse vendo alguma coisa muito interessante), salivação abundante, caçar a cauda (rodar compulsivamente querendo pegar a ponta de seu próprio rabo), lamber repetidamente, às vezes, até ferir, alguma parte de seu corpo, como patas e flanco e contrações isoladas de músculos do corpo.

A convulsão parcial generalizada é aquela que começa com uma convulsão parcial, como acima citado, e que, com o decorrer do episódio, se generaliza. Às vezes, o animal levanta um membro ou contrai um músculo e em seguida convulsiona, com todo seu corpo.

O diagnóstico da epilepsia e da convulsão depende como dito anteriormente, de um exame clínico completo e, muitas vezes, de diferentes exames de laboratório. As informações fornecidas pelo proprietário, após observar cuidadosamente o animal, é muito importante.

Quando o proprietário perceber que seu animal apresenta um comportamento diferente, deve procurar, imediatamente o médico veterinário, pois pode se tratar de início de epilepsia ou convulsão e esta quando ocorre, repetidamente, sem controle e tratamento adequado, pode ocasionar lesão cerebral, se ela ainda não existe. Outro benefício

importante que o proprietário vai obter, com este profissional, é de se instruir adequadamente para saber como se comportar na hora em que seu animal está convulsionando, pois pode ocorrer acidente desagradável tanto com o animal quanto com o proprietário ou pessoas que lidam com os mesmos, Deve-se lembrar que as contrações musculares são incontroláveis e se o animal morder um objeto ou a mão de uma pessoa, ele não soltará facilmente.

A cura da epilepsia e o controle da convulsão podem ocorrer, mas vai depender de muitos fatores que devem ser analisados pelo médico veterinário.

O tratamento destes distúrbios pode ser feito através da medicina veterinária convencional, com o auxílio dos medicamentos alopáticos e, mais recentemente, através da medicina veterinária alternativa, que aplica, com sucesso, várias técnicas, dentre elas a Homeopatia, "o grande presente de Deus!", segundo Hahnemann, seu descobridor.

(Antonio de Oliveira Lobão é médico veterinário).

Leia o artigo do Autor:

PORQUE ME TORNEI UM HOMEOPATA

http://www.cesaho.com.br/publicacoes/arquivos/artigo_20_cesaho.PDF

Atualmente é Diretor Geral do CESAHO que oferece

Curso de Homeopatia para agrônomos.

Curso de Homeopatia para médicos e

Curso de Homeopatia para veterinários.

<http://www.cesaho.com.br/cursos/index.aspx>